

**A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA EM
UMA TIRINHA DA SÉRIE ‘PEANUTS’
MAS QUE PUXA!**

Adriano Clayton da SILVA, Bruna Elisa FRAZATTO,
Natália Bonin dos SANTOS
Professora Responsável: Carmen Zink Bolonhini

RESUMO: “Mas que puxa!” O presente trabalho apresenta a análise de uma tirinha de humor da série “Peanuts”, escrita por Charles M. Schulz. A escolha desse tema resulta do sentido crítico que as tirinhas do autor apresentam, lembrando-nos de como “O discurso é o trabalho da língua e da ideologia”, e de como o autor, ao tecer sua história, tem a intenção de fazer uma denúncia ou criticar certos comportamentos da sociedade. Seguindo a teoria da Análise do Discurso, nossa análise pretende mostrar como se dá a produção de sentido da tirinha – nosso objeto simbólico - na qual o tema abordado é a escola e a representação que esta tem para o autor.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Tirinhas; Peanuts; Representação da Escola.

INTRODUÇÃO

A nossa análise será de uma tirinha de humor da série “Peanuts”, escrita por Charles M. Schulz, desde 1950, e publicada desde a mesma época em jornais norte-americanos. A escolha por este tema resulta do sentido crítico que as tirinhas apresentam, lembrando-nos de como “O discurso é o trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 1999, p.38) e de como o autor, ao tecer sua história tem a intenção de fazer uma denúncia ou criticar, por exemplo, comportamentos da sociedade¹.

Seguindo a teoria da Análise do Discurso (doravante AD), temos, então, como o nosso objeto simbólico² as tirinhas, de modo que o nosso trabalho pretende abordar como se dá a produção de sentido de uma tirinha, na qual o tema abordado é a escola. Interessou-nos analisar qual é a representação que tem a escola em uma tirinha de Schulz.

¹ LINS (2001), disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ9_03.htm. Acesso em 23/06/11.

² Objeto simbólico porque a Análise do Discurso enfatiza a “compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder, provocando a “textualização do político”(ORLANDI, 2005, p.10).

O OBJETO DE ESTUDO

Abaixo temos o nosso objeto simbólico:



Para a análise, deve-se levar em conta, conforme propõe a AD, as condições de produção do enunciado, no caso, o contexto sócio-histórico (ORLANDI, 1999). A série Peanuts começou a ser publicada em 1950 e só parou quando Charles Schulz morreu, em 2000. Por ser uma série que perdurou por 50 anos, é difícil falar de uma conjuntura, já que não só a arte, a criação de personagens, o traço, entre outras características, como também o momento histórico passaram por muitas mudanças, sendo o autor apontado³ como um utilizador do “social commentary”, abordando questões polêmicas, como a equipe de baseball da história ter três membros do sexo feminino⁵. A tirinha em questão é de 1959 e temos a temática da escola. Vale ressaltar que muitas das tirinhas tiveram a escola como cenário – principalmente no caso da personagem Patty Pimentinha, que ia sempre mal nas provas e dormia nas aulas – e, embora analisemos somente uma, acreditamos que se estabelece um sentido homogêneo de escola para a maior parte dos sujeitos, as personagens da série.

Depois da Segunda Guerra, nos Estados Unidos começou-se a pensar a educação como uma forma de investimento da pessoa em si mesma. Tais estudos buscavam tão somente descobrir até onde o investimento da pessoa em sua própria educação afetaria a produção e os lucros das empresas em que ela trabalharia, e por tabela, até onde valeria a pena para essas empresas investirem na educação da citada pessoa (SCHULTZ, 1997). Porém tais estudos da área da economia foram transferidos para a área da educação (ARANHA, 1996), e então a educação dada pelas escolas dos governos em todos os países capitalistas passou a visar à preparação de mão-de-obra para as fábricas e indústrias da sociedade, ou seja, a escola passou a reproduzir em sua organização e estrutura o mesmo modelo capitalista da sociedade (BOWLES & GINTIS, 1990). Essas informações são importantíssimas para as descobertas que surgirão na presente análise. Mas vale ainda colocar aqui que os estudos iniciados na década de 1950 culminaram com a criação da Teoria do Capital Humano, que serviu para alimentar a ideia da Meritocracia (ARANHA, 1996). Essa ideia é fundamental nas organizações de vários países capitalistas, inclusive o Brasil, e é a base pela qual funcionam, e se justificam, as avaliações em escolas, concursos públicos, vestibulares, etc. Mas não nos estenderemos mais sobre este assunto, por não ser o objetivo deste trabalho.

³ Cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Peanuts>. Acesso em 18/06/11

⁴ “O Social Commentary é o ato de se rebelar individual ou conjuntamente por meios retóricos” (tradução nossa). Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Social_commentary

⁵ O que consideramos algo bastante marcante dadas as condições de produção da década de 1950, época em que as mulheres não reivindicavam tantos direitos em relação aos homens.

Embora a série tenha sido publicada por 50 anos, as personagens pouco envelheceram com o passar dos anos, conforme podemos ver nas tirinhas – a primeira ida à escola ou a chegada de algum irmão mais novo, por exemplo – de modo que assumimos, conforme o discurso das próprias personagens, a idade que elas dizem ter em suas próprias falas dentro de algumas tirinhas. Partindo disso, as personagens de nossa tirinha têm, em média, oito anos – fator considerado importante para a discussão sobre a escola.

Além disso, ainda vale apontar que já que analisaremos uma tirinha, é necessário pensar noutros aspectos que fazem parte dela, tais quais as imagens e os diálogos apresentados. Outra questão que poderia vir a ser relevante, mas não discutiremos profundamente aqui, é a de que os escritos dos balões são traduções para o português brasileiro, o que pode ter causado um significado diferente do original, em inglês⁶.

ANÁLISE

Apresentado o nosso corpus, partiremos agora para a análise, descrevendo o que há na tirinha e tecendo a nossa interpretação. Ressaltamos que, embora nossa análise seja quadro a quadro, focada essencialmente nas falas dos personagens, a hipótese que será feita engloba toda a tirinha, pois acreditamos que é aí que reside a criatividade do autor, além do fato de que na prática ninguém lê e reflete sobre o sentido de uma tirinha olhando-a somente quadro a quadro, mas como um todo.

No primeiro quadrinho, temos as duas personagens, Charlie Brown e Linus, discutindo sobre a nova professora da escola. Para fazer uma análise através da AD, o pesquisador deve procurar ouvir “naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 59). Assim, Charlie Brown diz a Linus:



1 - Ovi sobre como você gosta da sua nova professora, Linus...

Temos como o sentido alternativo do enunciado: *Me falaram que você gosta da nova professora*. Devemos, entretanto partir de algo que está não dito, que seria o fato de que Charlie Brown *ouviu de alguém* – um colega da escola, por exemplo – a opinião que

⁶ Da mesma maneira, podemos dizer que a leitura feita por um brasileiro é diferente da leitura feita, por exemplo, por um americano, já que eles têm memórias discursivas diferentes.

Linus tinha sobre a professora, ou seja, o sentido aqui é que *Linus já falou para outras pessoas sobre a professora*, de modo que fazemos uma analogia no decorrer de nossa análise, de que um bom produto deve ser recomendado para que outros colegas também o comprem – conforme ficará explicado no último quadrinho.

Como resposta ao dizer de Charlie Brown, Linus exclama – notamos a expressão de espanto e incredulidade no rosto de Linus, que tem as mãos levantadas enquanto responde:



2 - Charlie Brown, tenho a melhor professora do mundo inteiro! É uma jóia entre jóias!

Ao dizer que ela é a melhor professora do mundo inteiro, Linus tem em seu enunciado que a professora é uma maravilha, é fantástica e que ela foi dada à sua escola, mais particularmente à sua sala, conforme expresso pela metonímia do verbo na primeira pessoa do singular 'tenho'. No dizer *É uma jóia entre jóias!* podemos afirmar que o sentido expresso é o de que *a professora é a mais preciosa das jóias dentre um conjunto de bens preciosos*, como se sinalizasse a sorte da personagem em ter uma professora como essa.

Em seguida, temos um quadrinho em que não há falas, mas uma ação, o suspiro.



3 - Suspiro

Esse suspiro é uma incógnita para nossa análise. Por ser uma ação na imagem, e não uma palavra, não nos permite encontrar um sentido alternativo ou um não dito, como acontece com as palavras. Partindo de nossa premissa anterior de que nesta tirinha a professora é tratada como uma mercadoria, suspirar por ela pode indicar outro sentido, mas que também englobe o de mercadoria. Pela imagem vemos a cara de satisfação de Linus, e ela confirma o suspiro dele, mas o que isso quer dizer? No mundo real as pessoas suspiram quando estão muito felizes com algo ou quando estão apaixonadas.

Retomando ainda a questão da imagem do parágrafo anterior, vemos que os personagens aparecem numa espécie de jardim, que pode ou não ser da escola. Não há outros personagens, apenas plantas. Mas essas também são diferentes a cada quadrinho, como se os personagens estivessem em movimento, numa conversa enquanto caminham. O fato de a paisagem ser tão amena pode indicar que o autor quer que prestemos atenção às palavras e expressões dos personagens, o que reforça a informação anteriormente exposta de que o autor utilizaria seus quadrinhos para criticar a sociedade em que viveu.

Como se espera de uma tirinha, em que o pouco espaço é imperativo, o desfecho geralmente acontece no último quadrinho, gerando o que poderíamos chamar de criatividade na teoria que usamos aqui, pois “implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem assim sentidos diferentes” (Orlandi, 1999, p. 37). Temos o discurso de Linus:



4 - *Eu nunca imaginei que da Secretaria de Educação sairia um produto tão bom!*

Vemos como o sentido alternativo desse enunciado, algo como: *Eu nunca imaginei que houvesse tão bons professores na Secretaria da Educação! Eu nunca imaginei que da Secretaria de Educação sairia uma professora tão boa!* Talvez possamos ir ainda mais além na interpretação e tomar o discurso não dito como *Eu nunca imaginei que da Fábrica de Educação sairia uma mercadoria tão boa.* Esse tipo de consideração também não é surpresa para os leitores da série, já que a professora é sempre retratada como alguém impaciente, autoritária e que não compreende os alunos.

Mas como dissemos anteriormente, a criatividade aqui mostrada dá um desfecho inesperado, pois a relação de forças seria apresentada de forma contrária, isto é, não seria de se esperar que um menino de oito anos dissesse algo desse tipo, mostrando uma autoridade em seu pensamento que é incomum. Abordamos o fato de que o autor das tirinhas gostava de apresentar críticas à sociedade através das personagens e isso se vê por meio do deslocamento da posição que o sujeito ocupa. Temos crianças que supostamente deveriam agir como crianças – de modo que propomos, por exemplo, que o enunciado de Linus poderia ser o de que ele acha a professora uma *jóia porque ela é amável ou porque tem paciência com os alunos*, o que não traria nada gracioso e bem-humorado ao desfecho –, mas ao invés disso falam e pensam como adultos.

Vale ainda a pena explorar a formação social do professor, cujo sentido está marcado na tirinha pelos dois personagens presentes. Segundo Orlandi (1999, p.41): “Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo de funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história”. É importante considerarmos que, tanto nos quadrinhos publicados quanto no desenho exibido na TV, a professora sempre pronuncia palavras incompreensíveis que só a turma de Charlie Brown parece entender. Quando as personagens estão na escola e interagem com a professora apenas conhecemos ou suspeitamos de suas declarações através das reações e respostas das crianças quando solicitadas, pois não há nenhum balão de fala dessa personagem. Podemos notar, então, que o que inclui tal personagem e suas ações sempre se manifesta de uma maneira diferente das outras e indagamo-nos se a fala ininteligível significaria um distanciamento ou uma dica de que tudo aquilo que é dito pela professora nunca será compreendido pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise feita, temos como elemento norteador que as ideias e ideologia relacionadas ao ensino e à educação fazem referência ao mau funcionamento dessa instituição e a seu sistema, como é possível perceber através da frase do último quadrinho. A Secretaria da Educação representa o poder público, e por causa disso não deve funcionar direito, e nem deve “suprir” as escolas com bons professores. Mas por outro lado, a Secretaria também representa uma fábrica, de onde saem produtos “professores”. Se uma professora tão boa veio de um lugar tão ruim, só pode ser mesmo um milagre. Uma fábrica ruim produzindo algo muito bom.

Em três dos quatro quadrinhos a professora é comparada a uma mercadoria: no primeiro, por propaganda, no segundo por depoimento de quem tem, e no quarto, por comentários sobre a “fábrica” Secretaria da Educação. No presente caso, uma ótima mercadoria. Ser “uma jóia entre jóias” e ser “um produto tão bom” indicam que a educação em si é uma mercadoria. Encontrar uma mercadoria boa num lugar tão ruim é uma pechincha! O fato de o Linus dizer “tenho uma professora” ao invés de dizer “ela é uma professora” reforça a ideia de mercadoria, de fábrica, de produto e negócio, além da concepção de educação como consumo, em que o aluno é pensado como cliente consumidor.

Relembrando agora o fato de que as escolas serviam como criadoras de mão-de-obra, parece-nos que o que o autor pretendeu com essa tirinha foi satirizar a nova lógica que se impunha no sistema educacional, fazendo os personagens da tirinha, alunos inseridos nessa nova ideologia, falarem como consumidores do produto da empresa Secretaria da Educação, e talvez prenunciando o que alunos reais de escolas reais viriam a pensar sobre a sua própria educação enquanto parte da nova organização capitalista das escolas.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L.A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

BOWLES, S., GINTIS, H. A educação como campo de contradições na reprodução da relação

capital-trabalho: reflexões sobre a teoria da correspondência. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 1, p. 93-107, 1990.

LINS, M. P. P. Estratégias de produção de humor em tiras de quadrinhos: Uma análise de enquadres e alinhamentos em Mafalda. **Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro, Vol. 5, Caderno 09, 2001. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ9_03.htm> Acesso em 23/06/2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, n. 1, p. 9-13, 2005. Disponível em: < <http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf> >. Acesso em 23/10/11.

SCHULTZ, T. W. **O Capital Humano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.